JORNAL DA
AdUFRJ

1357 ▪ 17 de abril de 2025 ▪ www.adufrj.org.br ▪ TV ADUFRJ: youtube.com/adufrj

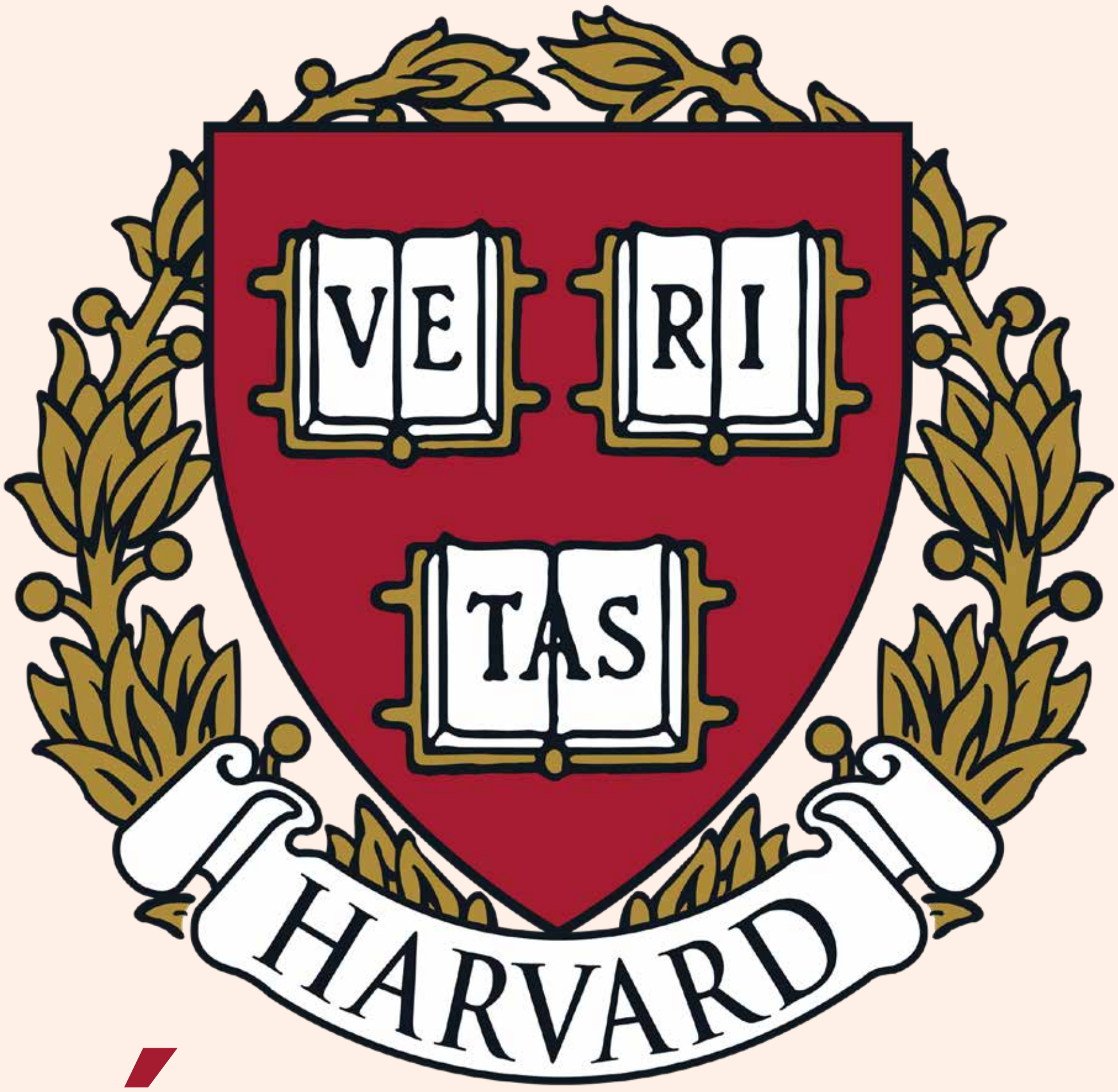
FERNANDO SOUZA

ELA É DE CASA
Professora da UFRJ, ministra Esther Dweck profere Aula Magna no Fundão e participa de roda de conversa na Praia Vermelha

Páginas 4, 5 e 6

APÓS INTENSA NEGOCIAÇÃO DA ADUFRJ E ESFORÇO CONCENTRADO DA PR-4, PROFESSORES SUBSTITUTOS VÃO RECEBER REAJUSTE EM MAIO

Página 8



É NOSSA!

ANA BEATRIZ MAGNO
anabiamagno@adufrj.org.br

A mais antiga e próspera universidade americana não se rendeu ao obscurantismo persecutório de Donald Trump. Ao contrário da Columbia University, Harvard disse não ao homem que, desde o início do mandato, trata a Ciência e a liberdade de cátedra como inimigos preferenciais do governo. Trump usa as armas de sempre — ódio e cortes. Chegou a anunciar uma redução de quase US$ 9 bilhões em subsídios para Harvard, caso a instituição não revisasse práticas de governança. "A Universidade não abrirá mão de sua independência ou de seus direitos constitucionais", escreveu o reitor Alan Garber, na última segunda-feira. No mesmo dia, um brilhante pesquisador da UFRJ, João Macena Muniz Vieira, publicou artigo na Revista Nature, convocando seus colegas americanos a não se dobrarem. Em duas páginas de texto vibrante, Vieira relembra a saga que enfrentou para seguir pesquisando nos anos de Bolsonaro. "Liberte-se do ciclo de ódio. Enfurecer-se com os escândalos fabricados por figuras como Trump ou Bolsonaro não mudam nada. Você já conhece as intenções deles. Use sua raiva com sabedoria: participe de um protesto por semana, derrame sua fúria e saia. Você não está sozinho. Professores, colegas e pesquisadores estão no mesmo barco. Participe de protestos para compartilhar solidariedade, mas, acima de tudo, lembre-se: seu trabalho já é resistência. Cada experimento, cada linha de código, cada colaboração é um ato de desafio contra aqueles que querem silenciar a ciência", escreveu no artigo que o Jornal da AdUFRJ tem a honra de reproduzir nas páginas 2 e 3, com tradução do próprio pesquisador.

#OrgulhoDeSerUFRJ

Artigo

JOÃO MACENA MUNIZ VIEIRA
Pesquisador pós-doutorando na Universität zu Köln, na Alemanha, com foco na Biologia Evolutiva do Desenvolvimento de artrópodes. É doutor em Ciências Morfológicas pela UFRJ, com formação anterior em Física e Técnicas Nucleares pela UFMG. Sua pesquisa combina regulação gênica, técnicas de sequenciamento e edição genética para investigar a evolução de vias de sinalização em insetos

PESQUISADORES, NÃO SEJAM VÍTIMAS DA CULTURA DO ESCÂNDALO

SOBREVIVI AO CERCO À CIÊNCIA NO BRASIL – E VOCÊS TAMBÉM PODEM[1]

Entre 2019 e 2023, cursei meu doutorado em Genética do Desenvolvimento evolutivo do besouro Tribolium castaneum na Universidade Federal do Rio de Janeiro. Meu laboratório, localizado na região costeira de Macaé, tornou-se dano colateral em uma guerra contra a ciência declarada por Jair Bolsonaro, nosso presidente de 2019 a 2022 — uma guerra que pode parecer familiar para muitos pesquisadores dos EUA agora que seu próprio presidente parece determinado a cortar financiamentos para pesquisa científica.

Após a posse de Bolsonaro em 2019, mais de 5,6 mil bolsas de pesquisa desapareceram sob medidas de austeridade que miravam especialmente o ensino superior e a ciência. Os cortes deixaram milhares de pesquisadores em suspenso, enquanto agências federais como a Capes (Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior) e o CNPq (Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico) tiveram seus orçamentos drasticamente reduzidos. Professores corriam atrás de financiamentos emergenciais, enquanto cientistas racionavam insumos e encaravam a perspectiva de projetos paralisados.

Naquele ano, uma colega brilhante quase perdeu sua carreira quando o governo cortou sua bolsa dias antes do início do projeto. Sem aviso prévio, ela viu sua pesquisa barrada. Desesperada para não perder todo seu doutorado, ela expôs sua situação e o caso comoveu a opinião pública. O apoio surgiu rápido o bastante para impedir que ela desistisse, mas por pouco.

> **Assim como cientistas brasileiros enfrentaram ataques à pesquisa, colegas dos EUA podem aprender com nossa resistência**

Outros enfrentaram ameaças similares: uma amiga, incapaz de pagar o aluguel sem a bolsa, abandonou o doutorado por um emprego fora da academia. Outro colega, após meses de incerteza, mudou-se para o exterior para continuar pesquisando. Eu também pensei em desistir. Mas já havia mudado de área uma vez — da Física Nuclear para a Biologia do Desenvolvimento — e sabia que não poderia recomeçar outra vez. Nem mesmo sob Bolsonaro.

RESISTÊNCIA NACIONAL

Os cortes desencadearam protestos em todo o país, liderados por estudantes, professores e sociedades científicas. Cartazes em São Paulo, Rio de Janeiro e Brasília declaravam: "Conhecimento não é gasto". Marchando com milhares — mesmo em minha pequena cidade — senti-me parte de uma unidade poderosa.

A pressão surtiu efeito. Em 18 de outubro de 2019, o Ministério da Educação liberou um bilhão de reais para universidades federais — uma concessão rara que entidades como a União Nacional dos Estudantes atribuíram à nossa mobilização. Naquele dia, eu não era só cientista. Era parte de um movimento que havia resistido aos cortes e reafirmado o papel da educação e pesquisa no Brasil. Me senti conectado. Não estava sozinho.

Então, em março de 2020, a pandemia de covid-19 chegou. Em junho, enquanto o governo Bolsonaro continuava a tratar a ciência como atividade elitista, nosso laboratório mudou seu foco: de pesquisa evolutiva para processar testes de covid-19 em parceria com a prefeitura de Macaé. Nossos equipamentos de qPCR, antes usados para mapear expressão gênica em besouros, foram adaptados para diagnósticos em uma campanha que ajudou a manter a taxa de mortalidade de nossa cidade abaixo da média estadual[2].

Essa iniciativa crucial significou que eu perdi acesso ao instituto — não apenas porque ele se tornou um laboratório de diagnósticos, mas também devido às rígidas barreiras sanitárias. Meus experimentos foram interrompidos indefinidamente.

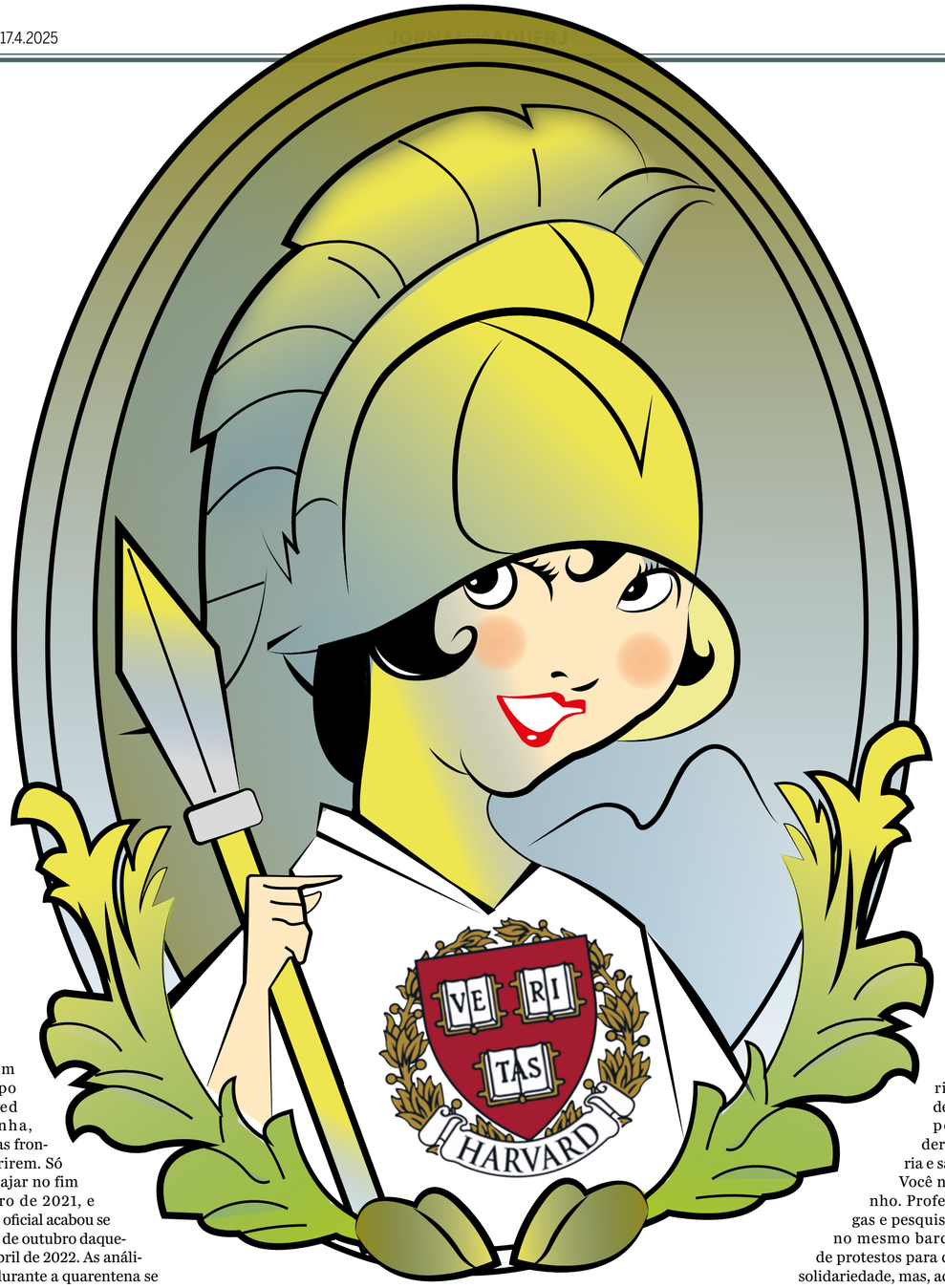
Em julho daquele ano, consegui financiamento para um estágio de oito meses no laboratório do biólogo evolutivo Siegfried Roth, na Universidade de Colônia, na Alemanha — uma oportunidade crucial que finalmente me permitiria concluir meu doutorado. A viagem estava originalmente marcada para agosto de 2020, mas foi adiada para fevereiro de 2021, no auge da pandemia.

Naquela altura, eu já havia comprado passagens, alugado um apartamento e passado noites lendo manchetes catastróficas sobre os incessantes ataques de Bolsonaro à ciência — desde chamar o vírus de "gripezinha", promover a hidroxicloroquina como tratamento (apesar das evidências esmagadoras contra sua eficácia) até os cortes sistemáticos nos orçamentos da ciência e no desmonte das proteções ambientais na Amazônia.

Um dia antes da minha partida, a Alemanha fechou suas fronteiras para viajantes brasileiros, citando o alto número de casos e o surgimento de novas variantes da covid-19. Não pude recuperar os custos. Como a agência de fomento não cobriria este custo extra, o prejuízo financeiro saiu do meu próprio bolso — mais um lembrete brutal da instabilidade da minha situação como pesquisador.

INOVANDO SOB PRESSÃO

Preso no limbo, precisei me reinventar outra vez. Troquei o laboratório físico pela Bioinformática, analisando dados em casa enquanto colaborava por Zoom com o grupo de Siegfried na Alemanha, esperando as fronteiras reabrirem. Só consegui viajar no fim de setembro de 2021, e meu estágio oficial acabou se estendendo de outubro daquele ano até abril de 2022. As análises que fiz durante a quarentena se tornaram a base para os experimentos que realizei durante aqueles oito meses em Colônia.



De volta ao Brasil, novos problemas me esperavam. Insumos básicos ficaram presos na alfândega por seis meses, atrasando meus experimentos. Enquanto isso, via trolls na internet — e até alguns parentes — ridicularizarem minha pesquisa como "perda de tempo", aplaudindo cortes na ciência e defendendo "tratamentos" como a hidroxicloroquina. No meio desse caos, aprendi a navegar na incerteza — uma habilidade que nenhuma agência de fomento ensina ou financia.

Concluir o doutorado foi muito mais do que seguir os protocolos científicos. Foi desafiar meus limites. Aqueles anos se confundem entre obstáculos e crises pessoais, com cada dia testando minha resistência em meio ao turbilhão político. Foi minha esposa quem me levou a buscar ajuda psicológica. Meus orientadores, Rodrigo Nunes da Fonseca e Helena Araújo, mesmo lutando contra a desestruturação das universidades, ainda arranjavam tempo para me orientar sobre editais e oportunidades de treinamento.

O FIM DO TÚNEL

Em outubro de 2022, Bolsonaro perdeu as eleições. Não aceitando a derrota, alegou fraude e, em 8 de janeiro, seus apoiadores invadiram os prédios do governo em Brasília. A cena era assustadoramente familiar: um ano antes, a mesma tentativa de tomada a força do poder havia acontecido no Capitólio dos EUA, após a derrota de Donald Trump. No Brasil, as instituições seguraram o tranco — o Congresso e o Judiciário impediram o golpe. Em junho de 2023, Bolsonaro foi condenado a oito anos de inelegibilidade. E, em março deste ano, o STF aceitou por unanimidade as denúncias contra ele; até o fim do ano o ex-presidente enfrentará um julgamento criminal.

Enquanto isso, eu seguia meu caminho. Em outubro de 2023, finalmente defendi minha tese. Hoje, sou pesquisador de pós-doutorado no laboratório do Siegfried.

Mas os estragos deixados por anos de ataques à ciência não desaparecem da noite para o dia. O Brasil ainda sente os efeitos: projetos abandonados, mentes brilhantes perdidas para outros países, um atraso que custa caro hoje e no futuro.

Se essa história soa familiar para você, pesquisando enquanto enfrenta o obscurantismo, deixe eu dizer uma coisa: você não está sozinho!

E AQUI ESTÃO ALGUNS CONSELHOS PARA VOCÊ:

Sua pesquisa é sua âncora. Enquanto eu ativamente buscava os fartos motivos para me enfurecer com o último escândalo de Bolsonaro ao invés de ler artigos cruciais para minha formação, meses foram perdidos em raiva desorientada. Retome o foco. Leia aquele estudo que você vem ignorando. Aprimore as técnicas que verdadeiramente te fascinam.

Você não está preso. A academia, as ciências, sobrevivem do movimento. Quando as fronteiras do Brasil me prenderam, os laboratórios da Alemanha permaneceram abertos. Colabore entre os diferentes fusos horários. Compartilhe códigos, protocolos e, principalmente, esperança. Sua expertise transcende geopolítica — use isso a seu favor.

Liberte-se do ciclo de ódio. Enfurecer-se com os escândalos fabricados por figuras como Trump ou Bolsonaro não mudam nada. Você já conhece as intenções deles. Use sua raiva com sabedoria: participe de um protesto por semana, derrame sua fúria e saia.

Você não está sozinho. Professores, colegas e pesquisadores estão no mesmo barco. Participe de protestos para compartilhar solidariedade, mas, acima de tudo, lembre-se: seu trabalho já é resistência. Cada experimento, cada linha de código, cada colaboração é um ato de desafio contra aqueles que querem silenciar a ciência.

Continue.

CONFLITO DE INTERESSE

O autor recebeu financiamento da Capes (Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior) e da Faperj (Fundação Carlos Chagas Filho de Amparo à Pesquisa do Estado do Rio de Janeiro) durante seu doutorado para pesquisas em Genética do Desenvolvimento evolutivo. Atualmente, o autor não recebe mais financiamento dessas agências.

REFERÊNCIAS:

ARTIGO PUBLICADO ORIGINALMENTE NA REVISTA NATURE EM 14 DE ABRIL DE 2025

1. Vieira, J. Dear US researchers: break the outrage addiction. I survived the besieging of science. So can you. Nature (2025) doi:10.1038/d41586-025-00943-1.
2. Feitosa, N. M. et al.Molecular testing and analysis of disease spreading during the emergence of covid-19 in Macaé, the Brazilian National Capital of Oil. Sci Rep11, 20121 (2021).

#OrgulhoDeSerUFRJ

Desafios do governo Lula são tema de Aula Magna

> Na abertura do ano letivo, ministra do MGI e professora do IE Esther Dweck abordou relações do Executivo com o Congresso e o trabalho que vem sendo feito para a valorização do Serviço Público

KELVIN MELO
kelvin@adufrj.org.br

"Para mim, é um orgulho dar uma aula na minha universidade", disse a ministra da Gestão e da Inovação em Serviços Públicos, Esther Dweck, no início da Aula Magna que abriu o ano letivo da UFRJ, na segunda-feira (14). Ela se emocionou ao falar para colegas e o público em geral no auditório do Quinhentão, no Centro de Ciências da Saúde. "Estou nesta casa há 30 anos. Sou professora. Não sou ministra. Estou ministra. E a gente tem tentado fazer um trabalho de valorização do Serviço Público. Esse é um compromisso que a gente tem", afirmou.

O reitor Roberto Medronho disse ter sido um prazer muito grande receber a ministra Esther na UFRJ. "A ministra é docente desta casa, do Instituto de Economia, o que muito nos orgulha", disse. O dirigente ressaltou ainda que Esther tem pais professores: Jo Dweck, da Escola de Química, e Ruth Dweck, da Faculdade de Economia da UFF. "É uma família de pessoas ligada à nossa Academia", observou.

O tema da palestra era a Transformação do Estado Brasileiro para o Século XXI e Esther abordou os desafios do governo Lula, o trabalho do ministério e as dificuldades enfrentadas na relação com o Congresso. "Todo mundo sabe que a gente está numa situação política que o governo é eleito, mas não necessariamente consegue fazer tudo que gostaria. Esta talvez seja uma das principais lições que tive quando fui para o governo pela primeira vez" — ela trabalhou no governo de Dilma Rousseff, de 2011 a 2016.

Confira a seguir alguns dos principais tópicos abordados na Aula Magna.

INÍCIO DO GOVERNO

"A PEC (Proposta de Emenda à Constituição) da Transição, que não é mais uma PEC, teve um papel muito importante. O orçamento de 2023 (do Bolsonaro) era totalmente inadequado. A gente conseguiu recompor o orçamento fortemente. Foram R$ 170 bilhões que permitiram reestruturar o bolsa-família, voltamos a ter investimento público e fizemos as negociações salariais".

SERVIÇO PÚBLICO

"O Brasil tem um Índice muito baixo em relação aos serviços que presta. A participação do emprego público no país na força de trabalho geral é praticamente a metade da média dos países do OCDE (Organização para a Cooperação e Desenvolvimento Econômico): 12,3% contra 23,5%. Não tem essa coisa que o Estado é inchado. Isso é uma falácia para gerar, na verdade, um desmonte do Estado como um projeto. De manter um país desigual, sem capacidade de enfrentar desafios".

"No Serviço Federal, houve uma perda de mais de 70 mil pessoas desde 2017. Quando a gente chegou, era terra arrasada. Faltava gente em todos os ministérios, em todas as autarquias. Até o final de 2026, vamos contratar mais 20 mil servidores, exceto universidades e institutos. As universidades e institutos têm uma vantagem por conta da regra dos professores e técnicos equivalentes".

TRANSFORMAÇÃO DO ESTADO

"A transformação do Estado é contínua. Na gestão de pessoas, entendemos que a força de trabalho deve ser profissionalizada. Todos os PLs (projetos de lei) ou MPs (medidas provisórias) que fazemos têm uma parte de transformação de cargos. Estamos transformando cargos obsoletos em cargos novos. No caso dos técnicos-administrativos, fizemos uma coisa que é mais eficiente, que é tornar o cargo genérico. A universidade define o que ela precisa. Para os demais ministérios, não dá para fazer isso".

FOTOS: FERNANDO SOUZA

ESTABILIDADE

"A estabilidade dos servidores é uma defesa do Estado. Vide o que está acontecendo nos EUA. Quando fui lá, em 2023, o governo Biden estava estudando uma maneira de aumentar a estabilidade dos servidores. Porque eles sabiam que Trump, se fosse eleito, iria fazer o que está fazendo agora".

"Sobre avaliação do desempenho: as universidades já fazem isso. Muito mais que os ministérios. Isso é uma coisa que a gente está trabalhando. Como a gente faz uma boa análise de desempenho? A estabilidade não pode beneficiar maus servidores".

DIVERSIDADE

"Nossa ideia é aumentar a diversidade para representar melhor a população brasileira: mais mulheres, mais negros. Quanto mais diversidade no Estado, maior inclusive a diversidade de políticas. Trazem realidades diferentes. Sala de amamentação só está começando a ter agora nos ministérios."

SOBERANIA DIGITAL

"Estamos muito preocupados com a soberania da área digital, olhando os dados como um grande ativo. Quando a gente chegou, quase todos os ministérios haviam contratado big techs para fazer suas nuvens. Dados, inclusive sigilosos, poderiam estar em qualquer lugar do mundo. Fizemos uma portaria para obrigar que dados com algum grau de restrição precisem estar em uma empresa pública de TI."

MESTRES

Ao longo da palestra, Esther reverenciou mestres da UFRJ que ajudaram a pensar o Brasil, como o ex-reitor Carlos Lessa (1936-2020) e Heloísa Teixeira (1939-2025). "São pessoas que pensaram o desenvolvimento brasileiro de forma brilhante. E contribuem para que tenhamos esta visão mais altiva do país."

Maria da Conceição Tavares (1930-2024), do Instituto de Economia, foi citada em três oportunidades. E uma de suas declarações, enfatizou Esther, continua atual, infelizmente: "Economia que não se preocupa com a justiça social é uma economia que condena os povos".

MINISTRA FALA SOBRE REAJUSTE E BENEFÍCIOS DE SERVIDORES

Antes e durante a aula magna, a ministra ouviu questionamentos de servidores da plateia. Foram demandas relacionadas aos acordos de greve, benefícios e infraestrutura da UFRJ. A titular da pasta do MGI respondeu um a um. "É importante ter este momento aqui e ouvi-los. Graças a um governo que valoriza os servidores, temos espaço para esta discussão", disse.

A ministra lembrou que, ainda em 2023, foi concedido um reajuste de 9%, após seis anos de congelamento. "O (reajuste) de agora será pago a partir de 2 de maio, porque, vocês sabem, houve um atraso na aprovação da lei orçamentária. Mesmo assim, o governo conseguiu garantir que o acordo valesse a partir de 1º de janeiro".

Também houve um pleito pela equiparação de benefícios do Poder Executivo com os dos poderes Legislativo e Judiciário. Estes recebem R$ 1.784,42 de auxílio alimentação e auxílio pré-escolar no valor de R$ 1.235,77. Já os servidores do Executivo ganham R$ 1 mil e R$ 484,90, respectivamente.

"Quando entramos, o objetivo era, sim, diminuir a diferença entre os benefícios. Mas existia uma trava (fiscal) que impedia reajustes acima da inflação para todos os Poderes", disse Esther. "Nós encaminhamos, ano passado, um pedido para que a trava fosse retirada apenas para aqueles que estavam com valor de benefícios abaixo da média. Que era o caso exclusivamente dos servidores do Executivo. O Congresso, porém, não fez isso. Tirou a trava para todo mundo".

"Com isso, pudemos chegar aos R$ 1 mil de vale-alimentação (do Executivo), mais que dobrando em relação ao início do governo. Só que os benefícios dos demais Poderes também foram aumentados. A gente não tem condições de equiparar. É praticamente impossível. Vamos tentar reduzir um pouco mais a diferença".

INFRAESTRUTURA DA UFRJ

A ministra falou que o governo Lula tenta recompor o orçamento. "Sou professora desta universidade. Conheço muito bem as tristezas e mazelas que temos aqui. É uma realidade na UFRJ, em outras universidades públicas e em outros órgãos públicos", afirmou. Em determinado momento da Aula, a própria Esther apontou uma das goteiras (foto) do auditório do CCS. "Um exemplo claro do problema aqui na UFRJ", disse.

#OrgulhoDeSerUFRJ

ENTREVISTA | ESTHER DWECK, MINISTRA DA GESTÃO E DA INOVAÇÃO EM SERVIÇOS PÚBLICOS

"OS ACORDOS DE GREVE ESTÃO SENDO CUMPRIDOS"

A ministra falou à reportagem do Jornal da AdUFRJ sobre os acordos do ano passado, o ponto dos professores do Ensino Básico, Técnico e Tecnológico (EBTT) e a carreira do Magistério Superior. Confira a seguir:

■ Jornal da AdUFRJ - Servidores cobram o cumprimento dos acordos firmados no ano passado. O que a senhora tem a dizer sobre isso?

● **Esther Dweck** -Os acordos de greve estão sendo todos cumpridos. No tempo que é possível. Dia 2 de maio quase todo mundo vai receber o reajuste, inclusive os retroativos. E muito dos acordos de greve era a criação de grupos de trabalho. Eles estão andando. As pessoas estão cobrando coisas que estão sendo discutidas e serão implementadas ao longo deste ano.

■ E quanto à isenção do ponto para os professores da carreira de Ensino Básico, Técnico e Tecnológico, que não tem relação com orçamento? O problema não poderia ser resolvido mais rapidamente?

● É um decreto presidencial, que está para ser publicado. É uma questão mais da burocracia mesmo, que está atrasada, mas também será cumprida. Não posso dar uma previsão. Como é decreto do presidente, depende dele.

■ O documento entregue pela AdUFRJ (abaixo) trata da discrepância salarial entre os professores adjuntos — maior parte da categoria — e as demais classes da carreira e solicita que o tema seja discutido em uma próxima negociação salarial...

● Os associados foram os que tiveram o menor reajuste, proporcionalmente. Os adjuntos tiveram quase tanto quanto os titulares. Isso era uma preocupação grande dos sindicatos, porque muita gente se aposentou como Adjunto 4. (Nota da Redação: a assessoria do MGI afirmou que enviaria um material para corroborar os argumentos da ministra, mas nada chegou até o fechamento desta edição).

■ Mas haverá uma política para valorizar adjuntos e associados?

● Neste momento, não tem. Os acordos foram fechados. Mas, no próximo governo, podemos pensar.

ADUFRJ ENTREGA CARTA À MINISTRA

Após a Aula Magna, a ministra Esther Dweck recebeu da AdUFRJ uma carta com demandas importantes dos docentes. No documento entregue pela presidenta Mayra Goulart e pela vice-presidenta Nedir do Espirito Santo, o sindicato tratou da necessidade de correção da discrepância salarial entre adjuntos e os demais níveis da carreira; a equiparação entre docentes EBTT e os colegas do Magistério Superior na isenção do ponto; e a aceleração dos processos de progressões múltiplas. Além disso, a AdUFRJ cobrou a equiparação dos auxílios de alimentação e pré-escolar dos servidores do Executivo com os dos servidores do Legislativo e Judiciário. Veja a íntegra do documento, a seguir.

FOTOS: FERNANDO SOUZA

À Exma. Ministra de Estado da Gestão e Inovação em Serviços Públicos

Professora Esther Dweck,

É com grande alegria e honra que a recebemos na UFRJ, universidade em que compartilhamos com a senhora a responsabilidade da docência e da produção de conhecimento transformador.

Aproveitamos a oportunidade para tratar alguns temas que são importantes para os professores desta Casa. Reconhecemos o compromisso firmado por sua pasta e pelo governo Lula no tocante ao cumprimento dos acordos firmados no ano passado e compreendemos os desafios estabelecidos em relação ao orçamento federal. No entanto, precisamos de apoio em relação a demandas já conhecidas por Vsa. Exa. Aqui, algumas delas:

1.Discrepância salarial entre professores adjuntos e demais níveis da carreira.

Apreciamos o esforço realizado para recompor o primeiro nível, que recebeu o maior percentual de reajuste – um acumulado que chega a 43% –, mas os adjuntos, que são exatamente a maior parcela da categoria, tiveram menor recomposição se comparados aos professores associados e titulares. O ganho para titulares chega a 28,24%, com ganho real de mais de 17%, enquanto os adjuntos tiveram ganho acumulado médio de 25%, com ganho real médio, até 2026, de apenas 7%. Acreditamos que este deva ser um tema a ser enfrentado para a correção de distorções, a fim de não penalizar essa significativa parcela de servidores e um dos temas da pauta da próxima mesa de negociação.

2. Equiparação entre EBTTs e docentes do Magistério Superior

Os professores do Ensino Básico, Técnico e Tecnológico, vinculados às instituições de ensino superior, como é o caso dos docentes do Colégio de Aplicação da UFRJ, desenvolvem atividades de ensino, pesquisa e extensão e são robustamente qualificados, com mestrado e doutorado na maioria dos casos.

No entanto, ainda recai sobre eles legislação que cobra a marcação do ponto de presença. Ao contrário, os docentes do magistério superior são isentos de cobrança de ponto justamente pela compreensão da dedicação exclusiva e atuação no tripé ensino-pesquisa-extensão. Reivindicamos que seja editada uma Instrução Normativa deste Ministério para que esses professores tenham o mesmo tratamento dispensado aos professores do Magistério Superior.

3.Progressões múltiplas

Por força de ação administrativa movida pela Adufrj, a UFRJ aceita, desde março de 2024, os processos de progressões múltiplas. No entanto, um recente comunicado do MGI às administrações centrais dos órgãos e autarquias instrui que não sejam feitos manualmente pagamentos ou ajustes até que fosse aprovada a Lei Orçamentária Anual de 2025.

O fato gerou a paralisação de processos de progressão, inclusive de progressões múltiplas, em inúmeras universidades federais. Isto porque, a nosso ver, falta uma Instrução Normativa deste Ministério que evidencie o direito às progressões múltiplas e aponte para a desburocratização do processo.

A LOA já foi aprovada, e portanto gostaríamos de solicitar um novo comunicado do MGI estimulando a celeridade dos processos.

4. Equiparação dos benefícios com os demais Poderes da República

Tivemos grande avanço na última negociação em relação ao auxílio alimentação, que passou de R$ 658 para R$ 1.000. Um aumento de 52%. Acreditamos que este foi um primeiro importante passo rumo à equiparação dos benefícios dos servidores dos demais Poderes. Os servidores do Judiciário recebem R$ 1.784,42 de auxílio alimentação. O mesmo valor é concedido aos servidores do Legislativo. Esses profissionais também recebem auxílio pré-escolar no valor de R$ 1.235,77, enquanto o valor destinado aos servidores do Executivo é de R$484,90. Precisamos ser igualmente valorizados. Os benefícios, inclusive, são ainda mais importantes para aqueles de menores salários, o que contribui para minimizar as desigualdades existentes no âmbito do serviço público federal.

Somos convictos de que Vsa. Exa. é sensível a todas essas pautas e esperamos discuti-las em momento oportuno e com maior detalhamento. Desde já pleiteamos uma agenda formal em Brasília, para tratar com maior rigor das pautas acima apresentadas.

Sem mais para o momento, despedimo-nos respeitosamente.

Saudações sindicais,
Diretoria da AdUFRJ

#OrgulhoDeSerUFRJ

‘Em casa’, Esther sorri, se emociona e cativa alunos

> Ex-aluna e professora cedida do Instituto de Economia, a ministra do MGI participou de uma roda de conversa no Teatro de Arena da Praia Vermelha. “Como eu queria estar agora de volta”, brincou

FOTOS: FERNANDO SOUZA

CONVERSA Diante do Teatro de Arena lotado, a ministra disse que o “tarifaço” de Trump é um tema “muito legal” para as aulas no Instituto de Economia

ALEXANDRE MEDEIROS
comunica@adufrj.org.br

Valorização dos servidores públicos, reforma da administração federal, inteligência artificial, mercado de trabalho e os impactos na economia global com a guerra tarifária iniciada pelo governo Donald Trump foram alguns dos temas em debate na roda de conversa da ministra da Gestão e Inovação em Serviços Públicos, Esther Dweck, com professores e estudantes no Teatro de Arena do campus Praia Vermelha da UFRJ, na tarde de segunda-feira (14). O encontro foi organizado pelo Instituto de Economia (IE) e pelo Centro Acadêmico Stuart Angel.

Com o Teatro de Arena lotado, a ministra se emocionou ao receber flores dos alunos do Instituto de Economia e, sempre sorridente, disse se sentir em casa no Palácio Universitário: “Para mim é muito importante estar aqui fazendo essa troca. Já participei da gestão federal de 2011 a 2016, voltei a atuar aqui no Instituto de Economia, e agora estou no governo de novo. A bagagem que você leva e traz de volta muda seu olhar em termos de experiência e de pesquisa, é enriquecedor. Tenho muito orgulho de ser professora da UFRJ”, disse ela, ao abrir a roda de conversa, ao lado do diretor do IE, professor Carlos Frederico Leão Rocha.

Em sua fala inicial, a ministra contou que a própria criação do MGI, neste terceiro governo Lula, sinalizou o compromisso do Executivo com a reconstrução do Serviço Público Federal, duramente atacado na gestão de Jair Bolsonaro. “Ainda na transição, o presidente Lula decidiu criar um ministério voltado para a gestão pública para remontar muitos instrumentos necessários ao desenvolvimento do país, depois do período de ataques que o Serviço Público sofreu na gestão anterior”, lembrou ela.

Esther destacou que o MGI tem entre as suas prioridades a valorização dos servidores públicos, a digitalização de processos e a reorganização da máquina estatal: “A realização de um concurso público unificado se incluiu nesse processo de retomada do papel do Estado e da valorização do servidor. O trabalho do governo é de reconstrução dos instrumentos de desenvolvimento”. A ministra respondeu a perguntas dos alunos em parceria com Norberto Montani Martins, assessor especial do MGI e, como ela, ex-aluno e professor cedido do IE.

Ela falou sobre o trabalho que vem sendo feito para resgatar o papel primordial do Serviço Público para o país, no momento em que o governo de Donald Trump vai na direção oposta, perseguindo e demitindo servidores federais. “Vemos com preocupação o que está sendo feito nos Estados Unidos. Tudo o que estamos fazendo aqui em termos de reforma do Estado nada tem a ver com a reforma administrativa prevista na PEC 32. Defendemos incondicionalmente a estabilidade do servidor porque ela é uma proteção do Estado. A volta dos concursos também tem a ver com o fortalecimento do Serviço Público. A área de Meio Ambiente, por exemplo, estava destruída, estamos recompondo os quadros”.

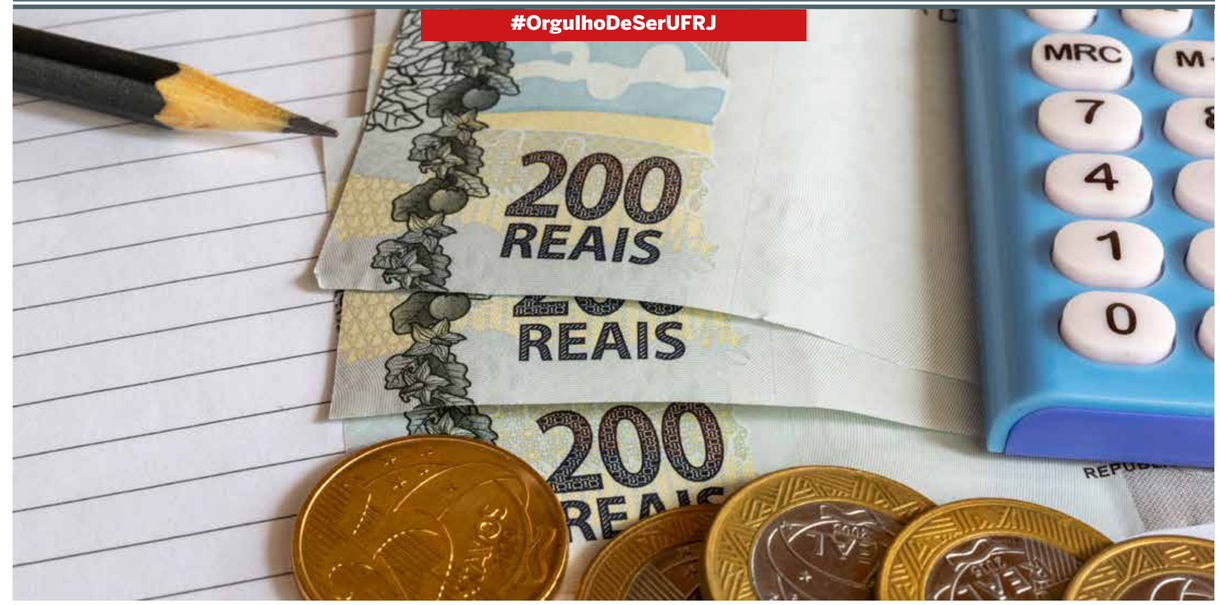
HOMENAGEM Esther recebeu flores e uma placa dos dirigentes do Centro Acadêmico Stuart Angel

> “Defendemos incondicionalmente a estabilidade do servidor porque ela é uma proteção do Estado”
>
> **ESTHER DWECK**
> Ministra do MGI e professora do IE

Os estudantes se revezaram ao microfone para fazer perguntas que foram desde o tarifaço do governo Trump à “pejotização” crescente nas empresas. David Ousmane, aluno do sétimo período de Economia da UFRJ, perguntou sobre os impactos da inteligência artificial (IA) no mercado de trabalho e como o governo federal atua na regulação das relações trabalhistas. “Acho que a IA vai diminuir trabalhos que são mais repetitivos e, por outro lado, vai abrir mercado de trabalho para a formação em novas competências. É um novo ciclo de tecnologia”, disse ela. “Sobre a guerra tarifária, como eu queria estar agora de volta na universidade para discutir isso! É um debate muito legal para as aulas”, comentou, arrancando risos da plateia.

Antes de deixar o Palácio Universitário, já atrasada para pegar o voo para Brasília, Esther ainda fez questão de conversar mais um pouco e posar para fotos com alunos do IE. Nada como se sentir em casa.

#OrgulhoDeSerUFRJ



Reajuste está garantido para todos os substitutos

> Força-tarefa de servidores da PR-4 se estendeu durante todo o fim de semana para permitir que nenhum segmento de trabalhadores deixasse de receber a recomposição salarial no início de maio

SILVANA SÁ
silvana@adufrj.org.br

Depois de a Pró-reitoria de Pessoal (PR-4) indicar a possibilidade de os professores substitutos ficarem sem receber o reajuste no início de maio, uma força-tarefa dos servidores da pró-reitoria conseguiu garantir o lançamento da recomposição salarial para todas as categorias. Esforço que se estendeu ao longo do último fim de semana. O aviso oficial aconteceu na segunda-feira (14), com a garantia de que nenhum trabalhador deixará de receber o aumento de 9% e pagamento dos valores retroativos a 1º de janeiro.

A iniciativa aconteceu a partir do pleito da AdUFRJ, levado ao Conselho Universitário de 10 de abril. No mesmo dia, à tarde, a diretoria se reuniu com a PR-4 para apresentar a demanda e entender a complexidade da tarefa. O pedido do sindicato foi para que todos os professores substitutos tivessem o reajuste incluído nesta folha de pagamento. A pró-reitoria afirmava que a tarefa não seria possível pelo exíguo tempo para o lançamento manual dos dados, mas desde o primeiro momento se mostrou preocupada com a questão.

Além dos substitutos, as aposentadorias e pensões e servidores de natureza especial também ficariam inicialmente de fora do reajuste na folha de abril. Isto porque os lançamentos precisavam ocorrer manualmente para mais de 700 pessoas, fora as aposentadorias e pensões. Apesar de compreender as dificuldades do curto prazo, a diretoria fez um apelo para que os professores financeiramente mais vulneráveis não fossem afetados.

“Entendemos que somos representantes de toda a categoria na UFRJ, porém, por princípio de justiça distributiva, nos preocupamos particularmente com os mais vulneráveis”, afirma a presidenta da AdUFRJ, professora Mayra Goulart. “O documento entregue à PR-4 reafirma os mesmos princípios constantes na carta que entregamos para a ministra Esther Dweck (veja mais na página 5): nosso compromisso em buscar melhorias para a carreira, com foco em sanar as desigualdades existentes e com atenção aos segmentos menos valorizados”.

A docente elogia a atuação dos servidores da PR-4, pelo empenho e compromisso com todos os colegas. “Sem dúvidas, os profissionais da Pró-reitoria de Pessoal têm grande responsabilidade nessa conquista que é de todos. Eles são os grandes protagonistas dessa força-tarefa que objetivava não deixar ninguém para trás”, observa. “Em nome da diretoria da AdUFRJ, manifesto mais uma vez os nossos sinceros agradecimentos”, celebra Mayra.

Superintendente de Pessoal, Rafael Pereira conta que o sistema “não foi 100%”, devido aos muitos acessos simultâneos concentrados em pouco tempo. Mas o aumento do prazo dado pelo MGI, de um dia, permitiu a conclusão dos trabalhos. “A equipe somente desmobilizou o estado de prontidão após o recálculo da folha, realizado durante a terça-feira (15) para preparar a prévia”, diz. “A reação foi de alívio e satisfação pelo dever cumprido”.

Pró-reitora de Pessoal, Neuza Luzia Pinto também destaca o compromisso dos servidores em dar conta de uma demanda tão extensa, num prazo tão curto. “A equipe conseguiu concluir os lançamentos não porque foi pressionada, mas porque tem extremo compromisso com a universidade e todos os servidores desta casa”, avalia. “Esse episódio demonstrou o empenho, a capacidade, a dedicação, o senso de solidariedade e o espírito público dos nossos servidores”.

Ela explica que quando compreendeu que haveria um problema no lançamento dos pagamentos reajustados, buscou informar a todas as instâncias para que houvesse ciência e também uma possibilidade de resolução. “Ficamos todos muito apreensivos. Nossa equipe sempre faz esses lançamentos manuais, mas normalmente temos entre 10 e 12 dias para concluí-los. Desta vez, o Ministério (da Gestão e Inovação em Serviços Públicos) nos deu apenas quatro dias, contando com o final de semana”, explica.

Neuza conta que houve intenso preparo das equipes nos últimos meses e a recente aquisição de novos computadores contribuiu para que os lançamentos fossem realizados dentro do prazo. “Felizmente, os computadores recém-adquiridos fizeram diferença positiva, pois os que tínhamos até o mês passado não dariam conta”.

(Colaborou Kelvin Melo)

REAJUSTE NA PRÉVIA DO CONTRACHEQUE

Dados podem ser acessados via SouGov

Desde a última quarta-feira (16), os servidores começaram a visualizar a prévia do contracheque de abril, que será pago para os servidores da UFRJ até o segundo dia útil de maio. Nele já consta o novo valor do vencimento básico, reajustado em 9%, e as diferenças acumuladas desde 1º de janeiro, represadas pelo atraso na aprovação da Lei Orçamentária Anual de 2025.

Com a sanção da LOA, foram atualizados mais de 9 mil cargos e reposicionados cerca de 800 mil servidores. Os docentes podem acessar as informações e a prévia do contracheque pelo aplicativo ou site SouGov para verificar os valores.

VEJA A ÍNTEGRA DO COMUNICADO DA PR-4:

“Como informado pelo MGI, a folha de pagamento será fechada hoje, 14/04/2025.

As equipes da PR-4 envolvidas com o fechamento da folha de pagamento e com a admissão dos novos concursados conseguiram concluir manualmente o lançamento do pagamento com o reajuste, incluindo os valores retroativos a janeiro, dos professores substitutos, do NES, dos novos concursados e também das pensões e aposentadorias.

Os reajustes dos demais servidores estão sendo implementados diretamente pelo MGI.

Assim, todas as categorias, sem exceção, receberão os salários reajustados, inclusive o retroativo a janeiro, na folha de abril, a ser paga até o segundo dia útil de maio.

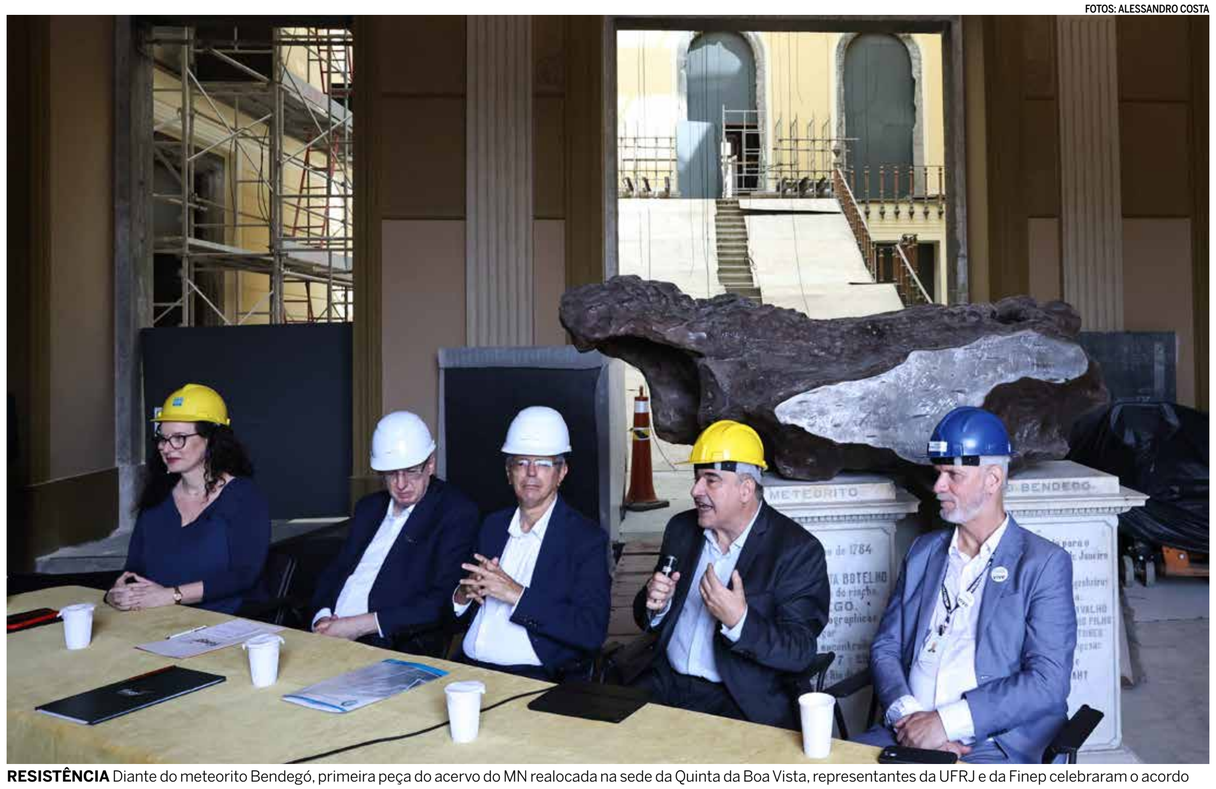
Esse resultado só foi possível porque as servidoras e os servidores da PR-4, mesmo sem poder receber hora extra, trabalharam durante todo o final de semana, conseguindo concluir os lançamentos nesta segunda-feira.

É importante ressaltar que esse trabalho foi realizado exclusivamente pelo compromisso, responsabilidade e respeito que os servidores da PR-4 têm com os trabalhadores, aposentados e pensionistas da UFRJ.

Parabéns a toda a equipe!”

#OrgulhoDeSerUFRJ

FOTOS: ALESSANDRO COSTA



RESISTÊNCIA Diante do meteorito Bendegó, primeira peça do acervo do MN realocada na sede da Quinta da Boa Vista, representantes da UFRJ e da Finep celebraram o acordo

UFRJ recebe verba da Finep para recuperação de acervo

> Recursos são de R$ 15,6 milhões e contemplam oito projetos, sendo três do Museu Nacional, onde foi celebrado o acordo entre as duas instituições. Agência tem orçamento de R$ 14,7 bi para este ano

ALEXANDRE MEDEIROS
comunica@adufrj.org.br

A UFRJ e a Financiadora de Estudos e Projetos (Finep) celebraram, na sexta-feira (11), acordo para o financiamento de oito projetos de preservação e recuperação de acervos científicos, históricos e culturais da universidade, no valor total de R$ 15,6 milhões. O acordo foi assinado na sala de entrada do Museu Nacional, na Quinta da Boa Vista, onde está o meteorito Bendegó, um dos símbolos da restauração do museu, consumido por um incêndio em setembro de 2018. Três dos oito projetos financiados são ligados ao Museu Nacional, com recursos da ordem de R$ 5 milhões.

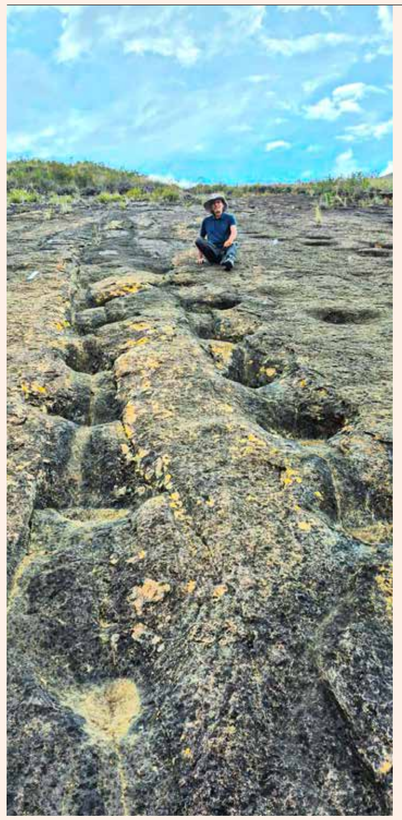
"Quero agradecer profundamente à Finep por apoiar a preservação desses acervos, pois isso vai nos ajudar a cumprir duas missões: formar cidadãos e produzir e difundir conhecimento. O Museu Nacional faz isso com muita excelência", disse o reitor da UFRJ, professor Roberto Medronho, que representou a universidade na cerimônia, ao lado do pró-reitor de Pós-Graduação e Pesquisa, João Torres, da coordenadora do Fórum de Ciência e Cultura (FCC), Christine Ruta, e do diretor do Museu Nacional, Alexander Kellner.

APOIO O presidente da Finep assina o termo que garante o aporte de R$ 15,6 milhões para a universidade

O presidente da Finep, Celso Pansera, disse que o apoio da agência abre um novo capítulo no incentivo à Ciência e à Cultura no país. "De 2016 a 2022, a Finep ficou quase à míngua. Já em 2023, com o governo Lula, tivemos um orçamento de R$ 9,8 bilhões, que foi a R$ 12,7 bilhões em 2024. Para este ano, teremos R$ 14,7 bilhões, o que nos permite fazer editais como este. Reservamos R$ 500 milhões para investimentos nessa linha de resgate de acervos, que contemplam também instituições como o Museu Histórico Nacional, o Jardim Botânico do Rio de Janeiro, a Biblioteca Nacional", anunciou Pansera.

A professora Christine Ruta destacou que o aporte da Finep beneficiará a recuperação de acervos importantes. "Há algumas raridades, de valor inestimável, como algumas espécies de nossa fauna, descritas por pesquisadores de nossa universidade. Uma delas é o ratinho-goytacá, que é endêmico na região de Macaé, no Norte Fluminense", lembrou Christine. "Com apenas dez centímetros de corpo e endêmico das restingas fluminenses, ele revela a fragilidade e a riqueza da nossa fauna".

A coordenadora do FCC citou obras valiosas do acervo documental da UFRJ beneficiadas pelos recursos da Finep: "Temos também uma das obras fundadoras da Ciência tropical, Indiae Utriusque Re Naturali et Medica, de Willem Piso. Escrita no século XVII, a partir da experiência do autor no Brasil, essa obra reúne conhecimentos de Botânica, Zoologia, Medicina e Etnografia, articulando saberes indígenas, africanos e europeus em um momento em que a ciência moderna ainda nascia".



VOTE NO PROFESSOR ISMAR CARVALHO

O professor Ismar de Souza Carvalho, titular do Instituto de Geologia e diretor da Casa da Ciência da UFRJ, é um dos finalistas na categoria Ciência e Saúde do **Prêmio Faz Diferença 2024**. Os vencedores serão definidos pelos votos de um **júri de jornalistas, ganhadores de 2023 e leitores**. A votação já está aberta no site do jornal O Globo e vai **até o dia 27 de abril**.

Ismar Carvalho foi autor de um estudo revolucionário que indica o Brasil como último refúgio dos grandes mamíferos da Era do Gelo. A pesquisa mostra que eles estiveram muito mais perto dos nossos antepassados do que a Ciência acreditava. Havia um consenso de que os grandes mamíferos foram extintos em massa entre **11 e 12 mil anos atrás**. Mas os estudos **liderados pelo professor Ismar** apontam que eles viveram no **Brasil até 3.500 anos atrás**. A descoberta transforma o modo de olhar para o passado e para as mudanças de era do nosso planeta. A próxima edição do Jornal da AdUFRJ apresentará o perfil do professor e mais detalhes de seus estudos.

O voto é aberto a não assinantes. Para participar, basta fazer o login com sua conta de assinante ou realizar um breve cadastro no site do Jornal O Globo – que pode ser com uma conta Google ou via Facebook. É possível votar várias vezes segui das na personalidade preferida.

Acesse: https://is.gd/omoq2W
Realize o login ou cadastre-se gratuitamente.
Vote no professor Ismar quantas vezes quiser. Participe! Seu voto faz diferença.

QUEM SÃO OS FINALISTAS NA CATEGORIA CIÊNCIA E SAÚDE?
O professor titular da UFRJ Ismar Carvalho; o professor associado de Medicina em Harvard e diretor de Transplante Renal no Massachusetts General Hospital, Leonardo Riella; e professora titular da Faculdade de Medicina na USP, Ludhmila Hajjar.

AdUFRJ **JORNALDAAdUFRJ / REDAÇÃO** - **COORDENAÇÃO:** ANA BEATRIZ MAGNO **CHEFIA DE REPORTAGEM:** KELVIN MELO **EDIÇÃO:** ALEXANDRE MEDEIROS, KELVIN MELO E SILVANA SÁ **REPORTAGEM:** KELVIN MELO E SILVANA SÁ **ESTAGIÁRIO:** RENAN FERNANDES **DESIGN:** ANDRÉ HIPPERTT **TI:** MARCELO BRASIL